



PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES: A LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL I

*Pedagogical practice for training readers: Children's literature in the Elementary
School I classroom*

Franciane de Jesus de Sousa PANTOJA¹
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Francinete de Jesus Pantoja QUARESMA²
Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC/PA)

Andréa Souza de ALBUQUERQUE³
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)

RESUMO: A literatura infantil é apontada como uma ferramenta eficaz em sala de aula para a formação de leitores. Para tanto, faz-se necessário estar presente nas práticas pedagógicas desenvolvidas pelo professor para esse propósito, por meio de atividades prazerosas e atrativas que envolvam o aluno. A defesa desse ponto de vista baseia-se na literatura que fundamenta a temática e em observações realizadas durante estágios de formação de professor no curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Linguagem e Matemática, realizado em uma escola pública da rede estadual, do município de Belém, no bairro do Jurunas, a qual atende alunos do Ensino Fundamental I. A metodologia de pesquisa utilizada para a realização deste estudo pauta-se na pesquisa bibliográfica e na pesquisa de campo, essa última realizada durante os estágios de observação e de regência de classe quando foi observado qualitativamente os resultados. Quanto a fundamentação teórica, pauta-se em autores da área da literatura e do letramento.

PALAVRAS-CHAVE: Prática pedagógica; Literatura infantil; Formação de leitores.

ABSTRACT: Children's literature is considered an effective tool in the classroom for developing readers. To this end, it is necessary to be present in the pedagogical practices developed by the teacher for this purpose, through enjoyable and attractive activities that involve the student. The defense of this point of view is based on the literature that supports the

¹ Graduanda em Licenciatura Integrada; Universidade Federal do Pará; Graduada em Pedagogia; Especialista em Psicopedagogia. E-mail: francianedejesusdesousapantoja@gmail.com

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Pará, no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL). Professora vinculada à Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC/PA). E-mail: francinete.quaresma@escola.seduc.pa.gov.br

³ Doutora em Matemática. Professora vinculada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. E-mail: andasouza204@gmail.com



theme and on observations made during teacher training internships in the Integrated Degree in Science, Language and Mathematics course, held at a public school in the state network, in the city of Belém, in the Jurunas neighborhood, which serves students in Elementary School I. The research methodology used to carry out this study is based on bibliographical research and field research, the latter carried out during the observation and classroom teaching internships when the results were qualitatively observed. As for the theoretical foundation, it is based on authors in the field of literature and literacy.

KEYWORDS: Pedagogical practice; Children's literature; Reader training.

INTRODUÇÃO

A formação de alunos leitores na educação básica está além do conhecimento do código alfabético por parte desse. Antes, demanda do profissional da educação práticas pedagógicas diferenciadas, que despertem o interesse do aprendiz, envolvendo esse na teia do processo de ensino-aprendizagem de forma prazerosa, por meio de atividades que usem a literatura infantil como ferramenta educativa.

Diante dessa compreensão, neste artigo, discorre-se a respeito da importância do profissional da educação adotar práticas pedagógicas inovadoras para a formação do aluno leitor. Ademais, após apresentação de um breve percurso histórico da literatura do cenário mundial ao Brasil, destaca-se a literatura infantil como uma ferramenta pedagógica eficaz da atualidade, capaz de promover o letramento literário e, conseqüentemente, fortalecer a formação de leitores.

Após a apresentação do percurso metodológico assumido para este estudo, o qual finaliza a primeira seção, apresenta-se, em caráter qualitativo, já na segunda seção, constatações e experiências empíricas adquiridas durante estágios de observação e de regência em sala de aula, em turmas do Ensino Fundamental I, em uma escola pública de Belém/PA, localizada no bairro do Jurunas, durante a formação docente de uma das pesquisadoras. Essa apresentação é alinhada à fundamentação teórica que sustenta a discussão.

Em caráter qualitativo, aponta-se que a literatura infantil é uma ferramenta pedagógica eficaz que cumpre com a função a qual se destina na sala de aula: auxiliar o professor em sua prática pedagógica no processo de formação de leitores. Tal literatura desperta a atenção do aprendiz que, por sua vez, envolve-se nas atividades de forma prazerosa, curiosa e interativa.



Em sua metodologia, este estudo adota a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, essa última realizada durante o estágio de observação e regência acima mencionado, no qual pode-se extrair análises qualitativas das experiências.

Quanto aos nomes que sustentam a fundamentação teórica desta pesquisa, cita-se tanto estudiosos do campo da Literatura quanto da Educação, a saber: BRASIL (2018), CADEMARTORI (1986), LAJOLO (1993), MOISÉS (2000), SOARES (2004), VIERA (2016), entre outros.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Nesta seção, dividida em três partes, apresenta-se os pressupostos teóricos que fundamentam este estudo, bem como os pressupostos metodológicos assumidos para a realização do mesmo. Assim, por meio da revisão da literatura do tema tratado, discorre-se a respeito da importância das práticas pedagógicas do professor para formação de leitores e defende-se a literatura infantil como ferramenta pedagógica eficaz para a formação do aluno enquanto leitor, capaz de atuar como tal no âmbito educacional e social.

1.1 Práticas pedagógicas para formação de leitores

O processo educacional de crianças, jovens e adultos requer a reflexão sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores durante o Ensino Fundamental, no sentido de contribuir na formação de educandos leitores.

O processo de formação de leitores desde o Ensino Fundamental requer um profissional que tenha a capacidade e a formação para conseguir obter resultados positivos nessa fazedura, junto a práticas pedagógicas diferenciadas. Caso o docente não possua capacidade para realizar tal tarefa, esse não alcançará um processo de ensino-aprendizagem positivo. O saber construído pelo professor é algo indissociável de sua prática pedagógica.

O saber do professor se constitui e está constituindo da trama de: a) experiências; b) crenças; c) convicções; d) valores; e) ideias; f) princípios; g) teorias; h) estratégias de atuação que utiliza para planejar, organizar, executar



e justificar sua ação profissional. Tal Saber é constituído de: a) sistemas de ideias; b) comportamento interiorizados; c) construídos na experiência pessoal e na formação docente que constituem seus marcos de referência, que orientam (implícita e/ou explicitamente) sua prática pedagógica, sustentada por orientações pragmáticas, quer o professor tenha consciência e clareza delas, quer não. (SCHWARTZ, p. 79-80, 2010)

Deve-se lembrar que o professor de hoje já foi o aluno ontem, já vivenciou os processos de aprendizagem que os estudantes vivem atualmente; que seus saberes foram construídos, alterados, complementados e adquiridos por estudos ao longo da vida; e que continuam sendo complementados e pesquisados.

GADOTTI (2003) argumenta que a formação continuada atual e futura dos educadores é um grande desafio, considerando o contexto contemporâneo que a sociedade se encontra. Um dos questionamentos do professor consiste ainda em como fazer a aprendizagem ser prazerosa e significativa. Destaca-se o contexto de desvalorização da profissão de professor, antes muito valorizada; bem como as transformações no contexto profissional trazidas através da tecnologia, que são reais no mundo globalizado, assim como seus efeitos. No entanto, defende-se o compromisso da formação docente com objetivo de transformação da realidade.

Nesse sentido, a formação do docente perpassa em transformações desafiadoras, incitando o processo de aprendizagem a se reformular para atender as demandas existentes de alunos e de professores no atual cenário que se encontra, buscando sempre considerar que esses profissionais se garantam como professores aptos a ensinar os alunos. SCHWARTZ (2010) afirma que cursos de licenciatura não asseguram profissionais capacitados para atuarem no processo de ensino-aprendizagem e que muitas práticas presentes nas salas de aulas de hoje datam de tempos passados:

No entanto, existem evidências de que frequentar cursos de licenciatura não tem garantido aos professores egressos o conhecimento do que e do como ensinar aos alunos. Apesar dos avanços produzidos no conhecimento teórico nas áreas de alfabetização, do ensino e da aprendizagem, muitas das práticas de professores e professoras, envolvidos na tarefa de alfabetizar, têm permanecido iguais durante décadas. (SCHWARTZ, p. 82-83, 2010)

Para a garantia do processo vale ressaltar que a formação docente também implica como o ensino é transmitido, visto que ainda permeiam as mesmas práticas no



que diz respeito ao processo de leitura e escrita, ensino e aprendizagem por décadas. É necessário o suporte a todos, desde o professor ao aluno, atento a qual realidade vai se trabalhar para que todos possam ser atendidos.

Para Freire, a formação docente se funde através de que o conhecimento se encontra em permanente busca, considerando ações e reflexões no que concerne à docência.

[...] um dos programas prioritários em que estou profundamente empenhado é o de formação permanente dos educadores, por entender que os educadores necessitam de uma prática-pedagógica séria e competente que responda à nova fisionomia da escola que se busca construir. (FREIRE, 2001, p. 80)

A formação docente entre os educadores é de grande relevância, visto que esses necessitam de práticas que atendam o público da educação, em que o formador e o formando ocupem posições que se compreendem neste processo, na constante busca para a mudança da sociedade opressora existente.

Por isso, PINTO (2015) afirma que é fundamental que o profissional tenha fundamentos sociolinguísticos e conhecimentos científicos para ter estratégias de controle da prática que está exercendo. Pois, com conhecimentos teóricos, o professor é capaz de compreender as fases do processo e o processamento neurológico e motor do alfabetizando.

Nesse sentido, entende-se que o professor alfabetizador e formador de leitores precisa de uma formação adequada, experiência e, ainda assim, continuar se atualizando com frequência, devido estar inserido em uma sociedade de constantes mudanças, alterando os interesses dos educandos em relação à aprendizagem.

A formação continuada do professor é essencial para que o docente não venha cometer o equívoco de persistir no método tradicional, que não desperta interesse e acaba falhando no processo de ensino da leitura e da escrita. O docente tem o papel de mediador no processo de ensino-aprendizagem. Logo, sua prática pedagógica deve ser exercida em função dos objetivos de aprendizagem de leitura e de escrita, sem falar no compromisso que esse tem em proporcionar um ensino por meio do letramento.

A respeito disso, Weyll e Martins defendem:



Desta forma, cabe ao professor o papel de mediador na construção do conhecimento, oportunizando aos estudantes, o contato com diferentes práticas de letramento, bem como atividades diversificadas que criem situações que os levem a refletir, questionar, criar hipóteses e participar ativamente de forma independente, compreendendo o funcionamento da escrita alfabética. (WEYLL; MARTINS, p. 3190, 2017)

O profissional precisa incentivar o aluno a ser o sujeito principal do seu processo de aprendizagem. Como afirma SCHWARTZ (2010), o olhar do professor é poderoso. Se nele não houver crença/convicção na possibilidade de aprendizagem, o aluno percebe, sente essa ausência e, geralmente, age de acordo com essas expectativas. Sobre o olhar docente, WEYLL e MARTINS argumentam que

Quando o olhar docente é voltado para as diferenças de aprendizagem encontradas em sala de aula, torna-se possível reavaliar a prática pedagógica e repensar ações que visem a melhoria na qualidade do processo ensino-aprendizagem. (WEYLL; MARTINS, p. 3191, 2017)

Dessa maneira, percebe-se que o docente precisa sempre estar buscando novas práticas e metodologias para inovar e ter sucesso no processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com WEYLL e MARTINS (2017), o professor no Ensino Fundamental precisa lançar mão de atividades desenvolvidas dentro de uma proposta lúdica, interessante e envolvente, a fim de atender as crianças as quais necessitam de um ambiente favorável às suas necessidades, possibilitando uma aprendizagem significativa.

Na Educação de Jovens e Adultos (EJA), por exemplo, o contexto é diferente, considerando que a experiência dos adultos com a língua escrita é bem mais ampla do que a da criança, devido ao tempo de suas vivências, e levando em consideração as suas necessidades. O adulto não se encanta com a ludicidade, o que é o oposto da criança. Na EJA é de suma importância que o professor considere as experiências que os jovens e adultos trazem consigo, as práticas de ensino devem ser voltadas para um público maduro e experiente.



Há teorias da aprendizagem que propõem metodologias baseadas em diferentes concepções sobre o processo de alfabetização e de letramento. Dada importância desse conhecimento, destaca-se alguns teóricos:

Magda Soares (2004) defende a alfabetização e o letramento concomitante, em que um não vive sem o outro, trazendo ambos para caminhar juntos no processo de ensino-aprendizagem. Nas palavras da estudiosa:

A criança alfabetiza-se, constrói seu conhecimento do sistema alfabético e ortográfico da língua escrita, em situações de letramento, isto é, no contexto de e por meio de interação com material escrito real, e não artificialmente construído, e de sua participação em práticas sociais de leitura e de escrita; por outro lado, a criança desenvolve habilidades e comportamentos de uso competente da língua escrita nas práticas sociais que a envolvem no contexto do, por meio do e em dependência do processo de aquisição do sistema alfabético e ortográfico da escrita. (SOARES, 2004, p. 5)

Já Paulo Freire tem seu método com enfoque nos adultos, o qual deixa claro em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1987). Favorável à formação de um cidadão crítico, consciente de seus direitos, defendia uma teoria libertadora; seu método era voltado para aqueles que já tinham experiência de vida, mas que ainda não tiveram a oportunidade de se alfabetizar. A teoria do autor beneficia mais o letramento que a alfabetização, voltando-se totalmente para EJA, para evitar o analfabetismo e vir a contribuir na diminuição da porcentagem de analfabetos no Brasil.

Por sua vez, FERREIRO e TEBEROSKY (1984) apontam que o meio social a qual a criança se encontra influencia diretamente sobre seu pensar, possibilitando, por meio disso, a colocar em práticas seus conhecimentos a partir da aquisição da escrita. A psicogênese da língua escrita desenha a aprendizagem, destacando a aquisição da língua escrita, considerando a integração de várias práticas, da cultura e do ambiente durante todo o processo de alfabetização.

Segundo FERREIRO e TEBEROSKY (1984), o desempenho escolar das crianças na fase inicial do processo, no que diz respeito a crianças pobres e de classe média, não apresentaram nenhum *déficit* intelectual, linguístico ou cultural na questão crucial encontrada. Assim, defendem que nenhuma criança adentra a vida escolar sem saber algo a respeito da escrita.



Em lugar de manter as crianças à margem das oportunidades de aproximação da língua escrita, como se fazia a 20 anos atrás, no tempo em que se pensava que primeiro era preciso desenvolver habilidades perceptuais – a prontidão – para só depois deixar a criança ter contato com a escrita. Aqui cabe uma ressalva: é importante frisar que não é o ambiente que alfabetiza, tampouco o fato de pendurar coisas escritas nas paredes que produz por si um efeito alfabetizador. (FERREIRO; TEBEROSKY, p. 8, 1984)

É necessário pensar num ambiente que propicie interações com a escrita de modo a entender os diversos processos apresentados através das crianças, considerando que essas carregam hipóteses sobre a escrita de modo a contribuir em sua aprendizagem. Diante da fundamentação desses estudiosos, percebe-se que métodos diferem; bem como, que nem todos defendem alfabetização e letramento juntos, cada teórico tem sua forma de enxergar o método mais acessível e positivo para o processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, cada professor precisa escolher uma concepção de ensino para fundamentar seu trabalho pedagógico e, assim, aplicar o método de acordo com a teoria, pois o método terá que ser aplicado segundo aquilo que se acredita.

Portanto, percebe-se que as teorias implicam consideravelmente no trabalho do professor, de modo que durante sua prática pedagógica o docente deverá buscar desenvolver seus métodos a fim de contemplar suas demandas educacionais. Certamente, essa será uma tarefa difícil para alguns, pois, por vezes, alguns professores buscam o método mais eficaz para atender a alfabetização, não se importando em atender as necessidades de seus alunos de forma individual e coletiva.

1.2 Literatura infantil - das origens ao uso como ferramenta pedagógica

O termo literatura, de origem latina, tem como significado “ensino das primeiras letras”. Contudo, na evolução do termo, passou a significar “arte das belas letras” ou “arte literária”, segundo Massaud Moisés (2000). A literatura constitui uma forma de conhecer tanto o mundo quanto os homens, cuja missão é colaborar para o desvendamento daquilo que o homem, seja de forma consciente ou inconsciente, persegue durante sua existência. Essa, portanto, não se reduz a uma forma banal de entretenimento.



Que a literatura é uma arte, todos concordam! Concorda-se também que ela não pode ser reduzida ao mero passatempo. Seus fins extrapolam os salões das artes, nos encontros de intelectuais de acadêmicos, em tertúlias literárias, dada a potencialidade do poder libertador contido em suas palavras. Enquanto ferramenta pedagógica, na sala de aula, a literatura alcança fins surpreendentes, capaz de educar, alfabetizar, letrar, formando leitores.

A literatura não é recente, existe há séculos e possui várias finalidades, como se apropriar da palavra para expressar sentimentos, ideias, produzir histórias. Desse modo, ela é um meio de comunicar que promove a socialização. Por meio dela, o autor busca reproduzir a realidade, fazendo uso de técnicas associadas às suas emoções, destinando-se ao público em geral e sendo produzida para todas as faixas etárias.

Etimologicamente, o termo literatura esteve associado à letra escrita, posteriormente, à imprensa (MOISÉS, 2000). A literatura escrita já fazia parte da história da humanidade desde a antiguidade, quando “encantava” os apreciadores dessa arte, vindo a ganhar território em várias sociedades. Em cada momento histórico e período, segundo o pensamento humano o qual transmitia, suas técnicas foram sendo aprimoradas, modificadas e atualizadas, sem, contudo, perder a essência do belo.

Atualmente, produz-se literatura para todas as idades, mas nem sempre foi assim. Inicialmente, não havia preocupação em produzir literatura infantil. Somente com o passar do tempo é que ela foi, aos poucos, sendo introduzidas com objetivo específico: ensinar à criança a moral, para que ela discernisse o bem do mal.

Muito embora, os primeiros rumores de histórias infantis que se tenha conhecimento sejam as fábulas de Esopo, escritor grego que viveu no século VI a.C., o título de “pai da literatura infantil” foi destinado ao francês Charles Perrault, pois ele reunia tanto as narrativas populares quanto as lendas da Idade Média. Além disso, adaptava-as, imputando-lhes valores aos modos como a burguesia se comportava, estabelecendo, assim, os denominados contos de fadas (CADEMARTORI, 1986). Nesse sentido, há alguns estudiosos que afirmam que a literatura infantil surgiu na Europa, em meados dos séculos XVII, com as publicações dos contos de fadas, em 1697, de Charles Perrault.

Corroborando essa assertiva, Vieira afirma que:



Os contos de fadas surgem durante o século XVII, na França, através do escritor Charles Perrault, que inspirado em narrativas populares destaca os valores comportamentais da classe burguesa em ascensão na época. Os livros infantis produzidos especificamente para crianças ganharam popularidade apenas ao longo do século XVIII. (VIEIRA, 2016, p. 11)

Assim, a literatura infantil surge devido a determinadas transformações sociais. Essa foi primeiramente acolhida pela escola, onde popularizou-se em meios educacionais, segundo VIEIRA (2016). A autora afirma que “desde as primeiras edições [dos livros infantis], os conteúdos são produzidos em geral por profissionais ligados à educação, demonstrando uma afinidade de sempre entre a escola e a literatura infantil” (VIEIRA, 2016, p. 11). Assim sendo, não obstante a existência de manuscritos voltados às crianças, como os tratados de pedagogia, produzidos com finalidades religiosas pelos protestantes (SCHARF, 2010), a literatura pedagógica e a literatura oral, essa última de aspecto popular, a literatura infantil ganhou um espaço.

Antes do surgimento da literatura infantil, a criança era vista como um adulto em potencial, ou seja, um adulto em miniatura. Segundo afirma CADERMATORI (1986, p. 38-39), “a criança, na época era concebida como um adulto em potencial, cujo acesso ao estágio dos mais velhos só se realizaria através de um longo período de maturação”. Dessa forma, não havia preocupação inerente com sua aprendizagem, as condições especiais peculiares de uma criança não eram levadas em consideração. Esse contexto foi mudando a partir do fortalecimento da burguesia, uma vez que se entendeu que a criança possui especificidades próprias distintas de uma pessoa adulta. A criança então passa a ser reconhecida socialmente como um ser que se distingue de um adulto, necessitando de uma aprendizagem específica que corresponda à sua idade.

No Brasil, é a partir de 1806, com a implantação da imprensa regia no país, que se ouve falar em literatura infantil. À época, as obras publicadas eram adaptadas ou traduzidas de obras portuguesas (CUNHA, 1987), cujo destaque deve ser dado a Alberto Figueiredo Pimentel. Conforme ARRUDA, NASCIMENTO E AZEVEDO (2021), a literatura infantil brasileira surgiu em um momento em que o país passava por mudanças importantíssimas, a exemplo da abolição da escravatura e da Proclamação da República. As autoras afirmam que essa literatura aflorou no âmbito escolar, em meio aos livros de leitura, interligando os conceitos de literatura e educação.



A primeira literatura infantil genuinamente brasileira surge somente a partir de 1920, com a obra “A menina do narizinho arrebitado”, de Monteiro Lobato, autor considerado um marco da literatura infantil do país. Monteiro Lobato preocupou-se em demonstrar a realidade brasileira, descrevendo a vida do campo, com seus costumes, revelando suas lendas e folclores, bem como questões sociais que contextualizam a época. Eis a razão de a obra “Sítio do Picapau Amarelo”, muito conceituada do autor, mostrar todas essas características.

Embora a literatura de Monteiro Lobato fosse revolucionária, o Brasil vivenciava um período conturbado na educação, onde a literatura infantil arraigava suas raízes. Entre uma estratégia e outra usada para reduzir as taxas de analfabetismo no país, a literatura infantil foi recebendo destaque em sua história. Destaca-se o fato de essa se apresentar de forma fragmentada nos livros didáticos, como “pedaços de textos”, sendo trabalhadas por meio de fichas de leitura (ARRUDA; NASCIMENTO; AZEVEDO, 2021), prática pedagógica muito presente ainda na atualidade.

Ademais, menciona-se o momento de repressão da literatura infantil brasileira. Somente em meados de 1970 é que ela retoma para ficar, quando o país vivia um momento difícil, além do título de subdesenvolvido, estampava um alto índice de pessoas analfabetas na nação. Diante dessa realidade, acreditava-se que alfabetizando as pessoas adultas inúmeros problemas sociais iriam ser solucionados. Buscando resolver essa triste situação, pensou-se em políticas educacionais, apostando-se no livro para o desenvolvimento do aprendizado das crianças.

Passado o período de descaso enfrentado pela literatura infantil, essa tomou um novo rumo, quando passou a fazer parte de cursos nas universidades. A partir daí passou-se a realizar estudos e seminários com a finalidade de promover a literatura infantil, reconhecendo sua importância nas instituições escolares e na aprendizagem dos alunos, e valorizando a cultura popular que foi deixada de lado em dado momento.

VIEIRA (2016, p. 13) salienta que:

Enquanto no nascimento da literatura infantil na Europa a literatura oral serviu de base para as narrativas infantis, no Brasil a cultura popular ficou negligenciada diante de reproduções da realidade das crianças estrangeiras. Uma teorização maior a respeito da literatura infantil surgiu a partir da década de 1970, com a literatura infantil fazendo parte dos cursos de



formação de professores e com a expansão dos cursos de pós-graduação.

Diante dessa expansão, em todas as etapas educacionais, da educação básica ao ensino superior, houve um desempenho na utilização da leitura como forma de apresentação de melhorias educacionais. Nesse momento, surgem inúmeras pesquisas nas universidades que se voltam para a literatura infantil no que tange as suas habilidades de alfabetizar e letrar; ao despertar do pensamento crítico do aluno leitor, ao desenvolvimento da escrita, leitura e oralidade; ao estímulo da imaginação e da memória; e ao despertar no aluno o interesse pela leitura a fim de torná-lo um protagonista social, capaz de discernir conceitos morais e étnicos, ideias, ensinamentos e informações extraídos por meio da escrita dos livros.

Essas pesquisas apontam para algo comum: a potencialidade da literatura infantil para a formação da criança não somente nos aspectos educacionais, mas também no que se refere a sua formação social. Nesse sentido, esta pesquisa, em sua fase inicial, corrobora com os estudos já existentes, defendendo a literatura infantil como uma ferramenta pedagógica indispensável no processo de ensino-aprendizagem escolar, sobretudo no que se refere à formação do aluno leitor; bem como destaca a importância de práticas pedagógicas voltadas para a formação leitora, promovidas por meio da literatura infantil, em sala de aula do Ensino Fundamental I. Em outras palavras, acredita-se que a literatura infantil possa ser utilizada dentro das instituições escolares como uma ferramenta pedagógica capaz de auxiliar o professor em várias atividades e em todos os componentes curriculares.

Assim sendo, no que diz respeito ao papel da literatura infantil no processo educacional, assume-se a mesma posição defendida por ARRUDA, NASCIMENTO E AZEVEDO (2021, p. 2009), para quem tal literatura “atualmente é conhecida como uma das principais práticas pedagógicas para despertar o interesse das crianças pela leitura”. Ademais, concorda-se com o exposto pelas estudiosas, quando afirmam que “a formação do leitor e o desenvolvimento pelo interesse nas histórias estão intimamente ligados ao letramento literário, que não visa formar um leitor qualquer” (ARRUDA; NASCIMENTO; AZEVEDO, 2021, p. 2013), mas um leitor com a capacidade de se inserir em dada comunidade, manipulando instrumentos culturais e construindo, a partir desses, um sentido não somente para si, mas também para o mundo no qual vive.



1.3 Metodologia

Enquanto pesquisa científica em caráter inicial, este estudo adota em seus pressupostos metodológicos a pesquisa bibliográfica. Tal metodologia, inserida no meio acadêmico, sobretudo nos cursos de graduação, tem por objetivo revisitar um tema já estudado por outros pesquisadores, a fim de contribuir para a discussão existente, aprimorando e atualizando conhecimento com base em investigação científica (ANDRADE, 2010; SOUSA, OLIVEIRA, ALVES, 2021).

A pesquisa em questão baseia-se em fontes primárias, a saber: artigos de revistas científicas; trabalhos de conclusão de curso (TCC) e livros, pesquisados no Google Acadêmico, no Google livros, nos periódicos e nas bibliotecas físicas e virtuais de universidades, por meio de palavras-chave, não sendo adotada uma periodicidade como critério para adoção da referência citada. Assim, após a leitura exploratória das obras, considerou-se todos os estudos que corroboram para a temática, a fim de construir a fundamentação teórica.

Os pressupostos teóricos deste estudo somam-se às experiências empíricas e observacionais adquiridas em pesquisa de campo, durante estágios de observação e regência em sala de aula de uma escola pública que oferta o Ensino Fundamental I, as quais são relatadas neste artigo, em caráter qualitativo, servindo de base argumentativa para a defesa do tema.

2. Práticas em sala de aula

Apesar de a literatura ser uma arte que possibilita comunicação, interação social, reprodução da realidade e que expressa as emoções do autor, com o passar do tempo lhe foi acrescida outra finalidade, o de favorecer o desejo pela leitura. Dentro do contexto escolar, a literatura, independente da série/ano/nível de ensino, passou também a ser utilizada como uma ferramenta pedagógica a fim de desenvolver no aluno, primeiramente, a leitura e escrita e, posteriormente, o letramento social, além do pensamento crítico e de habilidades socioemocionais.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ressalta a importância da literatura infantil em sala de aula no que tange ao campo de experiência que envolve



escuta, fala, pensamento e imaginação; bem como, da leitura compartilhada que possibilita a interação social, reforça os elos de afetividade e contribui para a formação de novos leitores, com possibilidade de leituras diversificadas através de tendências mais antigas, como os textos populares, e das tendências mais novas, como, por exemplo, os textos multissemióticos.

Em sua terceira competência geral, a BNCC direciona o professor em como trabalhar a literatura em sala de aula, quando expõe a seguinte competência voltada para o repertório cultural: “Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (BRASIL, 2018, p. 9). No que compete ao público infantil, compreende-se que o repertório cultural pode ser trabalhado pelo viés da literatura, pois, conforme VIEIRA (2016, p. 16):

A literatura infantil promove a reflexão. A consciência e o autoconhecimento são possíveis, visto que as narrativas têm o potencial de auxiliar na construção do sujeito. A característica de transformar o ambiente de sala de aula num lugar mais humanizado e terapêutico também é um argumento a favor da literatura como ferramenta pedagógica. As narrativas mais cuidadosas permitem expor possíveis conflitos emocionais existentes na criança que podem ser trabalhados por ela própria. (VIEIRA, 2016, p. 16)

Durante os estágios de observação e regência, essa foi a concepção assumida, bem como a competência adotada para desenvolver práticas pedagógicas para formação de leitor por meio da literatura infantil.

Defende-se, portanto, o pressuposto que a utilização da literatura em sala de aula como uma ferramenta de auxílio pedagógico para os professores, sobretudo nos anos iniciais, deve ocorrer por meio do livro de literatura infantil e/ou infanto-juvenil. O contato com o livro estimula a criatividade e imaginação da criança, bem como o desenvolvimento do raciocínio, da concentração, da memória, a ampliação do vocabulário, além de desenvolver as habilidades socioemocionais, a oralidade e a escrita e o pensamento crítico. Nessa perspectiva, a literatura, quando aplicada com atividades bem elaboradas, produz resultados satisfatórios no que tange à aprendizagem. A utilização do livro por meio da contação de história tem sido uma aliada nesse processo, pois envolve os alunos em um aprendizado dinâmico e prazeroso.



Ao contar uma história a uma classe de Ensino Fundamental I, utilizando um livro de literatura infantil, o professor, antes de tudo, consegue prender a atenção dos alunos. Em seguida, os envolve em uma viagem imaginária que desperta a concentração, a fim de entender o que aquela história pretende comunicar. E, por último, desperta a compreensão para algo novo, acontece um aprendizado, um conhecimento inédito passa a fazer parte de sua vida, a somar em seu intelecto, o que irá lhe ajudar a interagir com o mundo, a socializar com as demais pessoas, a resolver situações em seu cotidiano.

Ademais, a contação de história permite com que os estudantes compreendam eticamente o que é correto e faz com que ele desenvolva competências escolares, como a oralidade e a escrita, de modo que seja compreendido e consiga se relacionar em todas as demais esferas sociais. Constatações como essas foram observadas em momentos de práticas pedagógicas ocorridas em regência de classe, durante estágios realizados como crédito disciplinar no curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Linguagem e Matemática.

De modo geral, a literatura infantil é pertinente. Em outras palavras, todos os temas tratados são relevantes para desenvolver o pensamento crítico da criança desde cedo e isso inclui o contexto amazônico, mesmo porque os estudantes observados e atendidos durante o estágio são amazônidas, ou seja, são naturais ou vivem na Amazônia. Desse modo, faz-se necessário que também eles conheçam assuntos relacionados a sua região, principalmente os alunos que residem na capital. Diante dessa concepção, as obras literárias trabalhadas com o público atendido voltavam-se para tal contexto, o que pôde ser apreciado de forma positiva pelos alunos.

Conhecer sobre sua região é indispensável para qualquer indivíduo, uma vez que o possibilita a aprender sobre a origem de seu povo, sua comunidade, o processo histórico em que ocorreu essa formação, despertando nesse a valorização da cultura local, bem como o sentimento de orgulho em pertencer àquele contexto. E esse aprendizado deve iniciar desde os anos iniciais de escolaridade. Compreende-se que o aluno tem que aprender a base e esse aprendizado deve acontecer em toda a educação básica, passando por modalidades que contemplam também os jovens e os adultos.

Para isso, compreende-se como essencial que sejam apresentados, aos alunos, escritores paraenses, sobretudo os que trabalhem temas como preservação, povos originários, biodiversidades, danças, músicas, culinária, folclore, lendas amazônicas,



dentre outros. A título de exemplificação, cita-se a obra da professora doutora Francinete Quaresma, uma das autoras deste artigo, que produz literatura infantil e infanto-juvenil. Seu livro “Viajando entre embalos e canções” (QUARESMA, 2024) é recheado de elementos da flora e da fauna amazônica, enfatizando temas pertinentes à região e, porque não dizer, ao planeta, pois aborda a temática tratada relacionando à floresta Amazônica, à biodiversidade da região, aos costumes dos povos amazônidas, à linguagem da região, temas pertinentes para se trabalhar tanto no contexto escolar quanto fora dele.

Livros como esse que contextualizam o regionalismo devem ser adotados pelos educadores de toda educação básica, pois, desse modo, se cumpre vários objetivos no ambiente escolar, como despertar o prazer pela leitura, desenvolver a oralidade e a escrita, ampliar o vocabulário, fomentar o pensamento crítico, compreender questões éticas e morais, formar ideias, organizar pensamentos, obter novos conhecimentos, valorizar a cultura local, resgatar o orgulho de pertencer à Amazônia, dentre outros. Esses foram alguns dos objetivos desenvolvidos durante o estágio de regência, quando se trabalhou com a literatura infantil em sala de aula, desenvolvendo práticas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento de leitores.

Outrossim, a literatura infantil contribui no processo de letramento da criança uma vez que ela auxilia na aquisição da leitura e da escrita, elementos fundamentais para que haja uma linguagem significativa ao ponto do indivíduo interagir cultural e socialmente. Em relação ao letramento, pode-se definir como a aptidão de saber ler e escrever segundo os contextos das práticas sociais relacionadas à leitura e à escrita, norteadas na linguagem como objeto cultural e social.

Sabe-se que o letramento não caminha sozinho, ele vem agregado ao processo de alfabetização, sem esse elo não acontece o processo de ensino-aprendizagem da língua escrita. Nessa compreensão, SOARES (2023) defende que alfabetização e letramento caminham lado a lado. Logo é imprescindível alfabetizar letrando, uma vez que ambos se completam. Nas palavras da autora:

Alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita é sem dúvida o caminho para a superação dos problemas que viemos enfrentando nesta etapa da escolarização; descaminhos serão tentativas de voltar a privilegiar esta ou aquela faceta como se fez no passado, como se faz hoje, sempre resultando no reiterado fracasso da escola



brasileira em dar às crianças acesso efetivo ao mundo da escrita. (SOARES, 2023, p. 12)

Nesse processo de alfabetizar e letrar, simultaneamente, a literatura é uma ferramenta essencial para se trabalhar, uma vez que envolve leitura, escrita e oralidade, elementos que compõem a base de construção dessa aprendizagem. Quando se utiliza a literatura para desenvolver a leitura e a escrita da criança, ou seja, para alfabetizá-la, a aula torna-se diferenciada, dinâmica e agradável; o aprendizado ocorre de forma sutil, pois a criança não se sente pressionada a realizar uma atividade. Ela participa espontaneamente, envolve-se. Assim sendo, a aprendizagem ocorre de maneira exitosa.

A educação brasileira tem como um de seus maiores desafios formar leitores. Nesse sentido, o debate em torno da leitura, seus sentidos e suas possibilidades, pauta-se na ideia “de que o ato de ler é fundamental para desenvolvimento intelectual dos sujeitos, contribuindo de forma inequívoca para a construção de uma sociedade mais equilibrada, em que haja justiça, produtividade e criatividade” (BRITO, 2003, p. 99). A leitura, desse modo, é vista como um ato redentor, como algo indispensável. Para FERREIRA e DIAS (2002), aprender a ler apresenta-se como um dos vários desafios da escola, talvez seja esse o mais valorizado e exigido pela sociedade. Logo, as práticas pedagógicas em sala de aula devem voltar-se para a aquisição dessa necessidade. Nesse contexto, o professor apresenta-se como um facilitador do processo de apropriação da leitura na sala de aula (DWYER; DWYER, 2001 *apud* FERREIRA; DIAS, 2002). Ele age dessa forma quando seleciona um livro de literatura infantil adequado à realidade e à faixa etária do público atendido; elabora atividades que irão envolver o aluno; o estimula a participar, nunca oferecendo a resposta pronta e acabada, por exemplo. Assim, compreende-se que, no contexto escolar, a mediação do professor é necessária na formação de leitores.

Em sala de aula, após uma contação de história, o professor pode, por exemplo, realizar atividades que envolva sempre o tripé da alfabetização: leitura, escrita e oralidade, a fim de desenvolver as habilidades dos alunos, explorando a história, utilizando, inclusive, recursos didáticos apropriados para que aconteça uma aprendizagem significativa.



Diante do exposto, destaca-se que o uso da literatura infantil em sala de aula do Ensino Fundamental I é pertinente e produz resultados satisfatórios. Essa constatação baseia-se em observações e experiências empíricas de estágios realizados em uma instituição de ensino da rede estadual da cidade de Belém, no bairro do Jurunas, em turmas de 3º e 4º ano.

Nas atividades, em que foram utilizados livros de literatura infantil para trabalhar a leitura e a escrita dos alunos, a futura professora selecionou livros de escritores paraenses que enfatizavam a preservação do meio ambiente, a biodiversidade da fauna e da flora amazônica, as lendas, os povos originários, a linguagem, os hábitos de vida, dentre outros aspectos regionais.

Os resultados corresponderam às expectativas e objetivos traçados a priori, pois, além de apreciarem as histórias contadas, os alunos tiveram oportunidade de realizar atividades que envolvia interpretação de textos e ludicidade, demonstrando contentamento a partir de sua participação ativa. As atividades possibilitaram a prática da leitura e da escrita; a participação em roda de conversas com discussão de temas relacionados à Amazônia; a produção de cartazes convidando a comunidade escolar a preservar o meio ambiente; e a utilização da arte através de desenhos e de pinturas para expressarem seus conhecimentos sobre a biodiversidade regional.

Sobre as atividades realizadas nos referidos estágios, recorre-se à LAJOLO (1993, p. 51), quando afirma que:

É fundamental que exercícios e atividades trabalhem elementos do texto que contribuam para um relacionamento mais intenso dos alunos com aquele texto particular e que, como uma espécie de subproduto da atividade ou do exercício, fique inspiração e caminho para o inter-relacionamento daquele texto com todos os outros conhecidos daquele leitor e – lição maior! – a intuição da quase infinita interpretabilidade da linguagem de que os textos são constituídos. (LAJOLO, 1993, p. 51)

Utilizar a literatura infantil como uma ferramenta pedagógica nas aulas do estágio foi muito gratificante. De fato, pode-se afirmar que ocorreu aprendizagem, pois os alunos ficaram envolvidos com a história contada do livro, não se distraindo em momento algum; ficaram concentrados, ouvindo a todos os detalhes, observando cada gesto; seus olhares ficavam fixos nas imagens do livro, procuraram participar e realizar corretamente cada uma das atividades propostas; interagiam participando na roda de



conversa que antecedeu a contação da história e, após ouvirem a história, faziam perguntas sobre a narrativa. A demonstração da aprovação e da satisfação dos alunos confirmou-se quando esses solicitaram outras aulas com essa metodologia.

Com a utilização de práticas pedagógicas que envolvam a literatura infantil por meio dos livros em sala de aula, há probabilidade de formar futuros leitores. Não um leitor limitado à leitura do código, mas leitores com pensamento crítico, protagonistas sociais, ao ponto de atuarem em busca de uma sociedade melhor que promova justiça, igualdade, respeito e inclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que a escola tem um papel importante na formação de leitores, haja vista que essa está diretamente ligada à educação formal, sendo um processo que se inicia na alfabetização. Diante disso, o professor também assume uma função de destaque quando o assunto é formar um aluno leitor, posto que compete a ele facilitar por meio de suas práticas pedagógicas tal processo. Dentre as várias estratégias disponíveis, defendeu-se que a literatura infantil constitui uma ferramenta eficaz no processo de formação de leitores, em especial de estudantes do Ensino Fundamental I. Vale ressaltar, porém, que essa função não se restringe à escola, antes, estende-se à família e à sociedade em geral, pois a formação de um leitor tem um início, mas não um fim, todos os dias aprende-se algo novo por meio da leitura, sendo, portanto, um processo contínuo e constante.

Assim, cabe ao professor definir a concepção de ensino e a metodologia a ser adotada em sua prática pedagógica. Ao adotar a ideia de que a literatura infantil é favorável ao processo de ensino-aprendizagem da leitura, esse defende o pressuposto de alfabetizar letrando, isto é, alfabetizar por meio do letramento literário.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

ARRUDA, M.; NASCIMENTO, P; AZEVEDO, N. **A literatura infantil na formação do leitor**: possibilidades na educação infantil. In: Anais do ENEPE. Ciências Humanas.



Educação. Unoeste, 2021. Disponível em:

<https://www.unoeste.br/Areas/Eventos/Content/documentos/EventosAnais/688/Educa% c3%a7% c3%a3o.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRITO, L. **Contra o consenso**: cultura escrita, educação e participação. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CUNHA, M. **Literatura Infantil**: Teoria e Prática. São Paulo: Ática, 1987.

FERREIRA, S.; DIAS, M. G. **A escola e o ensino da leitura**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 7, n. 1, p. 39-49, jan./jun. 2002. Disponível em: www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a05.pdf. Acesso em: 29 dez. 2024.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

SCHARF, R. **A Escola e a leitura**. Práticas Pedagógicas da Leitura e Produção Textual. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, 2010.

MOISÉS, M. **A criação literária poesia**. 14ª ed., São Paulo: Cultrix, 2000.

PINTO, Z. **Formação do professor alfabetizador**: competências e aplicações nas práticas de alfabetização e letramento. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Centro de formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, 2015.

QUARESMA, F. **Viajando entre embalos e canções**. Belém: Gráfica Alves, 2024.

SCHWARTZ, S. **Alfabetização de jovens adultos**: teorias e práticas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 2 ed. São Paulo. Contexto, 2023.



SOARES, M. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004.

SOUSA, A.; OLIVEIRA, G.; ALVES, L. **A pesquisa bibliográfica**: princípios e fundamentos. Cadernos da Fucamp, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

VIEIRA, M. **A influência da literatura infantil na formação do futuro leitor**. Monografia (Graduação em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.

WEYLL, C.; MARTINS, C. **A prática pedagógica do professor alfabetizador**: atendendo as diferenças de aprendizagem em sala de aula. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 13, Formação de professores: contextos, sentidos e prática”, 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26136_12883.pdf. Acesso em: 09 nov. 2024.